

A solidão das mulheres divorciadas

Aos fins-de-semana quando não saio com a minha prima Bé fico em casa a ver televisão. Ver televisão quer dizer regar as plantas da marquise, ler o horóscopo nas revistas, desfazer o tricô do domingo anterior, mudar de canal de vinte em vinte segundos e pensar em matar-me. O problema é que assim que me levanto para tomar os lexotans todos de uma vez a minha mãe telefona de Alcobaça a saber como estou, oiço-lhe os gritos no atendedor de chamadas

(a minha mãe que tem um medo danado dos telefones sempre falou aos gritos)

e como não é possível a gente suicidar-se e conversar com a mãe ao mesmo tempo, desisto das pastilhas e garanto-lhe que estou ótima, não tenho febre, fumo no máximo três cigarros por dia, como bem, não emagreci

(— De certeza que não emagreceste?)
para a semana visito-a em Alcobaça sem falta e qualquer dia, palavra, encontro um rapaz como deve ser

(— Não acredito que não haja um rapaz como deve ser no teu emprego filha)

torno-me a casar, desligo o telefone com um tal cansaço e uma tal dor de cabeça que a única coisa que tenho vontade é de um aspegic e silêncio, deixei de ter ganas de me suicidar visto que uma pessoa não consegue matar-se se estiver maldisposta.

Nos fins-de-semana em que saio com a minha prima Bé vamos à Loja das Meias e à Escada sonhar com blazers de caxemira

(— Pode ser que com o subsídio de Natal lá chegue)
e casacos compridos, chateamo-nos como peruas nos filmes que os jornais gostam, encontramos-nos num bar com colegas da escola dela que descobriram na semana passada um restaurante italiano baratíssimo em Alcântara e já me sucedeu acor-

dar aos domingos de manhã num apartamento de Campo de Ourique ou do Beato ao lado de professores de Matemática com iogurtes fora do prazo no congelador, um chinelo esquecido no bidé e um cinzeiro de folha a transbordar beatas no soa-lho, junto de uma chávena de café quebrada.

Incapaz de tomar banho num chuveiro em que faltam o sabonete e a água para além de se achar ocupado por um montão de jornais velhos, volto a toque de caixa para o Lumiar sem me despedir do barbudo que ressoa de queixo na almofada (— Não acredito que a Bé não conheça um rapaz como deve ser não acredito que a Bé não conheça um rapaz como deve ser com um ombro fora do pijama descosido e adormego até que os gritos de Alcobaça me acordam, de coração aos pulos, para inquirirem no atendedor de chamadas se não tenho abusado dos fritos.

Não abuso dos fritos, não abuso do tabaco, não abuso do álcool, não abuso do sexo, não abuso de nada mãe: oiço crescer o pêlo da alcatifa, mudo de vinte em vinte segundos a televisão de canal e leio o meu horóscopo na penúltima página dos magazines femininos a seguir ao caderno da moda e a um artigo que explica como um cinto de ligas e uns sapatos vermelhos poderiam mudar a minha vida afectiva. Com um cinto de ligas os iogurtes fora do prazo desapareceriam do congelador? Com sapatos vermelhos encontraria chuveiros sem jornais? O meu horóscopo para esta semana, dividido como sempre em três partes, Saúde (cuidado com o fígado!), Finanças (atenção às despesas excessivas!) e Amor, prevê para quarta-feira, no que respeita a paixões, um encontro inesperado que me alterará para sempre a existência. Quarta-feira foi ontem e o encontro inesperado que tive consistiu em esbarrar com o meu ex-marido no metropolitano: deixou crescer o bigode, vinha acompanhado por uma mulata com metade da idade dele e nem sequer me viu. *Ter-me-á visto alguma vez?*

Em todos os canais de televisão passam novelas brasileiras. Oiço a chuva de outubro contra os vidros e o casal do andar

de cima a gemer ao ritmo da cama. Se me levantar para tomar os lexotans todos a minha mãe vai desatar aos gritos no atendedor de chamadas, de maneira que o melhor é ficar quietinha no sofá a olhar as plantas e o retrato do meu sobrinho bebé sem pensar no suicídio. Para quê?

Durante seis meses poupo nos almoços (uma bica, um croissant e um pastel de bacalhau) comidos em pé ali no Centro, compro o blazer da Escada e uns sapatos vermelhos, a colega que vende ouro no escritório prometeu baixar-me as prestações do anel e passo o verão sozinha, de blazer, sapatos e cachucho, lindíssima, a mudar de canal e a ouvir o pêlo da alcatifa crescer.

de casamento da sala e o copo de uísque e o prato de creme de nabíças faziam-se companhia na cozinha. Um prato de sopa vazio ao lado de um copo de uísque mete uma certa impressão e se calhar por esse motivo dei um golpe no queixo com a gilete. Ao sentar-me à secretária no emprego já o Maurício cochichava ao telefone na secretária dele a tapar o bocal com a palma: o Maurício pesa mais vinte quilos do que eu, faz culturismo no Recreativo e embora pela minha parte não seja especialmente lingrinhas prefiro que não sobre com força. O Maurício olhou para mim, tirou a palma do bocal, disse alto

— Não me des creme de nabíças ao jantar que eu detesto

Olga

e começou a conferir facturas sem responder ao meu bom dia. O irmão do Maurício que ocupa a terceira secretária

(somos os três únicos empregados da firma)

procurava um processo qualquer no arquivo e deu-me a sensação que as costas dele

(o irmão do Maurício não faz culturismo, joga pólo aquático) tremiam do que podia ser riso. Não almoçámos juntos e às cinco horas não se despediram de mim. Fiquei um bocaco a arrumar as minhas coisas, fui ao gabinete do senhor Borges despedir-me, o senhor Borges, de olhos na máquina de calcular, aconselhou-me

— Calma Herrâni

comprei uma embalagem de bacalhau com natas no supermercado, ocupei-me dos pombos, a vizinha divorciada que apaixonava a roupa do estendal sorriu-me. O emprego dela é na estação dos Correios e tenho esperança que o Maurício não a ache bonita. Até agora nunca tive problemas com os colegas de trabalho e não me parece aconselhável que haja mau ambiente na empresa por uma questão de saías. O senhor Borges, antiquado como é, não haveria de gostar.

Antes que anoiteça

Por razões que não vêm ao caso as últimas semanas, difíceis para mim, têm-me obrigado a pensar no passado e no presente e a esquecer o futuro. Sobre tudo o passado: tornei a encontrar o cheiro e o eco dos hospitais, essa atmosfera de feltro branco onde as enfermeiras deslizam como cinses que nos tempos de inferno me exaltava, o silêncio de borracha, brilhos metálicos, pessoas que falam baixinho como nas igrejas, a solidariedade na tristeza das salas de espera, corretores intermináveis, o ritual de solenidade apavorante a que assisto com um sorriso trémulo a servir de bengala, uma coragem postiça a mal esconder o medo. Sobre tudo no passado porque o futuro se estreita, cada vez mais se estreita e digo sobretudo o passado visto que o presente se tornou passado também, recordações que julgava perdidas e regressam sem que dê por isso, os domingos de feira em Nelas, os gritos dos leitões

(lembro-me tanto dos gritos dos leitões agora)

um anel com o emblema do Benfica que aos cinco anos eu achava lindo e os meus pais horrível, que aos cinquenta anos continuo a achar lindo apesar de achar horrível também e julgo ser altura de começar a usá-lo uma vez que não me sobra assim tanto tempo para grandes prazeres. Quero o anel com o emblema do Benfica, quero a minha avó viva, quero a casa da Beira, tudo aquilo que deixei fugir e me faz falta, quero a Gija a coçar-me as costas antes de me deitar, quero o pinhal do Zé Rebelo, quero jogar pinguepongue com o meu irmão João, quero ler Júlio Verne, quero ir à Feira Popular andar no carrocel do oito, quero ver o Costa Pereira defender um pénalti do Didi, quero trouxas de ovos, quero pastéis de bacalhau com arroz de tomate, quero ir para a biblioteca do liceu excitar-me às escondidas com A Ruiva de Fialho de Almeida, quero tornar a apaixonar-me pela mulher

do Faró nos Dez Mandamentos que vi aos doze anos e a quem fui intransigentemente fiel um verão inteiro, quero a minha mãe, quero o meu irmão Pedro pequeno, quero ir comprar papel de rinta e cinco linhas à mercearia para escrever versos contradas pelos dedos, quero voltar a jogar hóquei em patins, quero ser o mais alto da turma, quero abafar belindes

olho de boi olho de vaca contramundo e papa

quero o Frias a contrar filmes na escola do senhor André, a falar do Rapaz, da Rapariga e do Amigo do Rapaz, filmes que nunca vi a não ser através das descrições do Frias

(Manuel Maria Camarate Frias o que é feito de ti?)

e as descrições do Frias eram muito melhores que os filmes, o Frias imitava a música de fundo, o barulho dos cavalos, os tiros, a pancadaria no saloon, imitava de tal forma que a gente era como se estivesse a ver, o Frias, o Norberto Noroeste Cavaleiro, o homem que achou que eu lhe estava a mexer no automóvel e se desfez num berro

— Trata-me por senhor doutor meu camelo

a primeira vez que uma pessoa crescida me chamou nomes e eu com vontade de responder que o meu pai também era doutor, que ao entrar no balneário do Futebol Benfica para me equipar o Ferra-o-Bico explicou aos outros

— O pai do ruço é doutor

e houve à minha roda uma nudez respeitosa, o pai do ruço é doutor, quero voltar a apanhar um táxi à porta de casa e o chofer perguntar

— É aqui que mora um rapaz que joga hóquei chamado João?

e quero tornar a espantar-me por ele tratar assim o pai do ruço, quero partir um braço e ter gesso no braço ou, melhor ainda, numa perna, para andar de canadianas e assombrar as meninas da minha idade, um miúdo de canadianas

achava eu, acho eu

não há rapariga que não deseje namorar com ele e além disso os carros param para a gente atravessar a rua, quero que o meu

avó me desenhe um cavalo, eu monte no cavalo e me vá embora daqui, quero dar pulos na cama, quero comer percebes, quero fumar às escondidas, quero ler o Mundo de Aventuras, quero ser Cisco Kid e Mozart ao mesmo tempo, quero gelados do Santini, quero uma lanterna de pilhas no Natal, quero guarda-chuvas de chocolate, quero que a minha tia Gogó me dê de almoçar

— Abre a boca Toino

quero um pratinho de tremoços, quero ser Sandokan Sobrano da Malásia, quero usar calças compridas, quero descer dos eléctricos em andamento, quero ser revisor da Carris, quero tocar todas as cornetas de plástico do mundo, quero uma caixa de sapatos cheia de bichos de seda, quero o boneco da bola, quero que não haja hospitais, não haja doentes, não haja operações, quero ter tempo para ganhar coragem e dizer aos meus pais que gosto muito deles

(não sei se consigo)

dizer aos meus pais que gosto muito deles antes que anoiteça senhores, antes que anoiteça para sempre.